

Palavras e mãos em tempos de isolamento

Passei batom -
gesto singelo e forte.
Contornos de dentro e de fora...
não emito nenhum som;
as mãos são, agora, minha voz.
Vejo, ouço... e a boca cerrada.
Na sobrevivência seca,
engulo a cota diária...
Não me embriago.
A lucidez, o sentir de cada
gesto...
Não, nunca os havia percebido...
autômata que era.
Muda, prossigo com a boca
vermelha.
Olho-me no espelho.
O que vejo agora?
Quem sou eu nesse hiato
alarmante/alarmado?
Não sei do amanhã?
Rubro o rosto – maquio a dor:
pinceladas de falsa saúde.
Movimentos ensaiados...
minto naturalidades.

Ilusão:
ensaio de um melhor sorriso,
destacado na boca encarnada,
ora silenciada ...
Solidão!
Sozinha, em casa, prossigo em
pensamentos...
são muitos... não se reportam ao
dever.
Referem-se ao ontem.
Por ora, sinto!
Sobraram as lembranças.
Não sabemos do inverno que nos
espera.
Mansamente, com poucos passos
possíveis,
rego as plantas na varanda.
Cultivo esperanças.
Cada grão de terra molhada
promete vida!
Gestante de um não saber,
acordo às 5:30.
Prossigo,
Com boca pintada
e palavras nas mãos!

Prof.^a Isabella Queiroz

06/04/2020

Pelas pessoas que seguem solitárias em
seus confinamentos em tempos de
coronavírus.